

Como surge e se espalha o discurso de ódio contra a população Queer no Brasil?

Carlos Eduardo da Cunha de Souza
carlos.souza@estudante.ufscar.br

Recebido em: Março 2024
Aceito em: Novembro 2024

Resumo

Recentemente, observamos um movimento na veiculação de falas danosas que buscam incitar a discriminação contra grupos minoritários, prática essa que pode ser definida como "discurso de ódio". Nesse artigo, nós conduzimos uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo de como se forma o movimento da criação e veiculação de falas agressivas, em especial contra membros da comunidade LGBTQIAPN+; de onde surgem as razões para o ódio por tais pessoas? Quais são os argumentos utilizados e de onde eles vêm? E como? Para responder a tais questionamentos, nós lançamos um olhar sobre conceitos como "pânico moral" e "desinformação", enquanto analisamos algumas figuras públicas conhecidas por produzirem e espalharem falas que se enquadram no conceito de discurso de ódio, em especial contra pessoas que fogem do espectro heteronormativo. Por fim, buscando exemplificar e explicitar o que foi apresentado ao longo do trabalho, nós apresentamos alguns comentários publicados em redes sociais dos seguidores das figuras públicas que analisamos anteriormente no texto.

Palavras Chaves: biblioteconomia crítica e progressista; desinformação; discurso de ódio; pânico moral; redes sociais.

How does hate speech against the Queer population in Brazil arise and spread?

Abstract

Recently, we have observed a movement in the dissemination of harmful speech that seeks to incite discrimination against minority groups, a practice that can be defined as "hate speech". In this article, we conduct a qualitative literature review of how the movement of creating and broadcasting aggressive speech is formed, especially against members of the LGBTQIAPN+ community; where do the reasons for hating such people come from? What arguments are used and where do they come from? And how? To answer these questions, we take a look at concepts such as "moral panic" and "disinformation", while analyzing some public figures known for producing and spreading statements that fall under the concept of hate speech, especially against people who fall outside the heteronormative spectrum. Finally, to exemplify and explain what has been presented throughout the work, we present some comments published on social networks by followers of the public figures we analyzed earlier in the text.

Keywords: critical and progressive librarianship; hate speech; misinformation; moral panic; social media.



1 INTRODUÇÃO

Quando observamos os cenários políticos dos últimos anos nós percebemos que há um movimento de polarização que fica cada vez mais explícito, uma vez que ao observamos os movimentos sociais minoritários que muitas vezes se colocam enquanto pautas que são defendidas pela esquerda nós vemos que por vezes eles são vítimas do chamado “discurso de ódio”, o qual é definido pela autora Samanta Ribeiro Meyer-Pflug (2009, p. 97) enquanto “ideias que incitem a discriminação racial, social ou religiosa em determinados grupos, na maioria das vezes, as minorias”.

A prática do discurso de ódio ganhou mais força, embora já existisse antes, e ficou mais explícita a partir do movimento bolsonarista que o Brasil presenciou tanto antes da eleição do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, quanto durante seu governo (Rosa 2023; Barros e Silva 2022), embora essa prática não seja um fenômeno regional ou nacional e possa ser observada em diferentes localizações geográficas pelo globo.

Por vezes as falas nocivas e que incitam o comportamento agressivo e a violência contra minorias se colocam disfarçadas enquanto falas de cunho religioso ou por vezes enquanto o uso do princípio de que dentro de um estado democrático todos os cidadãos têm direito ao uso da liberdade de expressão; uma contradição que já havia sido prevista pelo movimento iluminista e por pensadores como John Locke e Jean-Jacques Rousseau (Consani, 2015) um exemplo de como muitas vezes tais ideias nocivas são veiculadas por baixo de opiniões simplórias seria o caso do apresentador Bruno Aiub, conhecido popularmente enquanto Monark, o qual em fevereiro de 2022 defendeu que deveria haver no Brasil um partido nazista reconhecido por lei. Após a polêmica gerada por essa afirmação ele alegou que tal afirmação se tratava de uma opinião dele e que ele acreditava que nazistas deveriam ter o direito a se expressar e manifestar livremente, tal qual qualquer grupo ou movimento político presente no Brasil, algo proibido pela artigo primeiro da Lei 7.716/89¹.

Como observado anteriormente, o discurso de ódio parte de uma forma verbal, mas que em última instância acaba dando margem para ataques físicos, por parte de grupos minoritários, incitando diversas formas de violência e repressão contra os mesmos. Sendo assim, nesta pesquisa nós buscamos observar como é construído essa forma de ataque contra a comunidade *Queer*, para tanto tentaremos compreender como se constitui os discursos e os ataques em diferentes espaços. Partiremos de uma revisão bibliográfica sobre o tema enquanto fazemos a análise de discurso de diferentes casos que conseguimos ter acesso, seja através de postagens de redes sociais, reportagens ou registros de gravações autorizadas e de acesso público.

Em um primeiro momento pensamos no conceito de “Pânico Moral” (Cohen 1971), no qual a ala política conservadora busca criar um inimigo público, nesse caso a comunidade Lésbica, Gay, Bissexual, Trans, *Queer*, Intersexo, Assexual, Pansexual e Não-binária + (LGBTQIAPN+); buscamos citar algumas das aplicações dessa ferramenta política e por fim a explicitação de diferentes usos do discurso de ódio contra a população LGBTQIAPN+ sendo utilizados enquanto parte não só do Pânico Moral, mas também da Desinformação.

2 O PÂNICO MORAL E A COMUNIDADE QUEER NO BRASIL

O termo Pânico Moral surge na década de 70, inicialmente sendo utilizado por Jock Young, referindo-se a um “efeito espiral” entre mídia, opinião pública e os políticos com relação a preocupação sobre o uso de drogas. Logo depois, o Pânico Moral surge enquanto uma teoria de Stanley Cohen, que se baseia no movimento midiático, em parceria com as classes dominantes, de dramatizar problemas e criar polarizações sociais, com o intuito de agravar um conflito e confirmar estereótipos negativos contra um determinado grupo ou classe social (Machado 2004). Observando de forma mais simplista, podemos pensar na definição de Miguel (2021), que afirma ser o pânico moral uma ferramenta que busca não deixar margem para debates e discussões, enquanto convoca a população para mobilizações rápidas e apaixonadas.

¹ A lei pode ser conferida na íntegra em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9459.htm#art1>. Acesso em: 29 fev. 2024.

O começo do século 21 se mostrou como um momento de otimismo, em especial para o Brasil e a América Latina, em se tratando da questão LGBTQIAPN+ e do movimento feminista. Era possível observar o aumento de políticas que tinham como proposta enfrentar o preconceito contra gênero ou sexualidade, além de um ganho de forças para o movimento feminista e LGBTQIAPN+. Foi nesse momento que pudemos observar como lideranças sociais começaram a se fazer presentes e ocupar cargos em ministérios e em secretarias do governo (Cesar; Duarte 2017). Isso acabou por despertar um “alerta” em partidos e setores mais conservadores do Brasil, em especial grupos que se pautavam na religião e na defensoria de valores tradicionais, uma manobra comum na qual a discussão sobre a sexualidade se perde em meio a manifestações exacerbadas de uma ansiedade social (Rubin 1993).

É nesse contexto de tentar criar uma chamada da população contra um inimigo comum, e na busca por meios de combater ideias que vão contra o que é defendido pelos partidos conservadores que se cria a chamada “ideologia de gênero”. A extrema direita tenta compreender e rotular como ideologia de gênero as pautas referentes à sexualidade, feminismo, direitos reprodutivos, gênero, combate à homofobia, transfobia e machismo, como bem observam Miskolci e Campana, 2017. Muitas vezes essas pautas são colocadas enquanto uma quebra dos costumes e valores cristãos que são defendidos e utilizados pela extrema direita (Leite 2019).

3 DE VETORES DA PESTE À PRÓPRIA PESTE

Em 2021 o arcebispo polônes Marek Jędraszewski, ao falar com o jornal norte americano *The New York Times*, chamou a comunidade *Queer* polonesa de “*Rainbow Pest*” ou “Peste arco-íris”(tradução nossa) (Barros; Silva 2022), utilizando o termo “arco-íris” em uma clara alusão à bandeira arco-íris, símbolo da luta e da causa *Queer*. Entretanto essa não foi a primeira vez que as palavras “*gay*” e “*peste*” estiveram relacionadas e articuladas juntas com o intuito de causar danos à comunidade LGBTQIAPN+.

Na década de 80 e 90, o mundo assistiu ao surgimento de uma doença sem precedentes, a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS), devido a pouca informação sobre a doença recém descoberta e ao fato de que os cinco primeiros casos registrados do vírus foram em jovens homossexuais (Araujo 2016; Nalin 2021). A mídia e os setores mais conservadores logo se debruçaram sobre a doença, creditando seu surgimento à comunidade LGBTQIAPN+, referindo-se ao vírus como “a peste *gay*” ou como “câncer *gay*”. Ainda houve aqueles que chamaram de uma punição divina por seus pecados. O paralelo que podemos pensar aqui já foi traçado antes por Silva (2022, p. 1-2) ao dizer que:

Assim como uma nova ideia, ou como um discurso oportunista dito na hora certa e para as pessoas certas, que adentra facilmente a mente das pessoas atentas e sedentas pelo novo, um vírus também pode percorrer o corpo de alguém, fazer morada e assim infectar outras pessoas.

Podemos notar que, tanto por parte da mídia, que usa as terminologias que tentam relacionar a doença como consequência do homossexualismo, quanto nos discursos religiosos que reafirmam tais ideias e ainda buscam imprimir uma parcela de culpa e que esse discurso tem como objetivo marginalizar uma parcela da sociedade, lhes configurando o papel de vetores de uma doença mortal e que aqueles que morrem devido a essa infecção fizeram por merecer, ideia semelhante às expressadas por Meyer-Pflug (2009, p. 97), que refere o discurso de ódio como: “ideias que incitam a discriminação [...] em determinados grupos, na maioria das vezes, as minorias”, embora nesse caso tenhamos o artifício de conferir à igreja e à mídia o grau de autoridade, uma vez que se tratava de uma situação da qual se havia pouco conhecimento científico, além, ao fazermos o recorte do período em questão, ser comum que mídia e igreja andassem de mãos dadas, formando uma união que denotava poder e exercia ampla influência ideológica sobre a forma de pensar e de se comportar da população (Nalin 2021).

Podemos observar que, para além do simples ataque à comunidade LGBTQIAPN+ a igreja também faz uso de sua influência na mídia para reforçar os seus próprios dogmas, nesse caso é reforçado o conceito de família nuclear e tradicional, a qual conhecemos como: pai, mãe e filhos. Para

tanto a AIDS é sempre posta como uma consequência da homoafetividade e um mal que, apenas os *gays* estariam sujeitos, pensamento esse infundado e que já era possível ser contradito, mas por vezes acobertado pela imprensa da época (Brito; e Rosa 2018).

Em situações onde existe um domínio da cena pública por fundamentalistas religiosos, podemos observar que acaba existindo duas formas de impacto na população LGBTQIAPN+. De um lado vemos uma estruturação coletiva por meio de defesas e em respostas às “representações estereotipadas de gênero e sexualidade”. Enquanto do outro lado, as reações de caráter homofóbico e transfóbico se tornam cada vez mais fortes e agressivas, minando a população *Queer* (Fernandes 2013).

Retomando o parágrafo inicial contido neste subtítulo, a fala de Jedraszewski não era necessariamente voltada ao preconceito contra os soropositivos, uma vez que quando analisamos a situação polonesa, vemos que a questão da homofobia não se dá única e exclusivamente devido a AIDS, uma vez que lá a comunidade LGBTQIAPN+ sofre ao ser veiculada como inimiga pública da extrema direita e uma ameaça para a soberania do povo polonês, opinião essa que é reforçada por outras figuras políticas do país (Barros; Silva 2022). Entretanto, podemos notar que por vezes existe uma tentativa de criar um distanciamento entre a população LGBTQIA+, tratando-a como se fosse uma população doente, tanto fisicamente quanto psicologicamente, ou, de certa forma, sub-humana e não merecedora de qualquer forma de empatia.

4 O BOLSONARISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Não é de se estranhar que uma vez que uma ameaça fictícia tenha sido criada ou que a dramatização em cima dela atingiu níveis elevados, apareça algum personagem oportunista que se coloca como um salvador que irá proteger a população e trabalhar para combater veementemente essa ameaça, muitas vezes se utilizando de um discurso heroico. No Brasil, na década de 2010, o oportunista que tivemos foi Jair Messias Bolsonaro, que acabou por ser eleito Presidente da República em 2018. Em seus discursos, ele se define como defensor da moral e dos bons costumes, defendendo a fé cristã e a família, como bem expressa Miguel (2021):

Bolsonaro verbaliza o medo causado pelos desafios a hierarquias sociais vigentes, como as de gênero ou de raça. Em particular, a visibilidade crescente de pautas dos movimentos feminista e LGBT leva à ideia de que a família está em risco —“família” significando apenas o arranjo tradicional, heteronormativo e fundado na dominação paterna.

Bolsonaro começou a ganhar os holofotes e chamar atenção da extrema direita apenas no seu vigésimo ano enquanto deputado federal, no ano de 2011, quando após serem apresentados os primeiros resultados do projeto “Escola sem Homofobia”, projeto esse que buscava fornecer material e debater de forma didática a sexualidade com alunos do Ensino Médio. Na ocasião o parlamentar se referiu ao material que era distribuído às escolas públicas como “*kit gay*”, sendo este um estimulante para o homossexualismo e promiscuidade. As acusações não param aí, por anos essa fala se manteve presente em seu repertório, afirmando que tal material iria “escancarar as portas da pedofilia” (Mota 2023, p. 12).

Bolsonaro ainda lança mão da estratégia de fazer da sua política um movimento populista, como bem observa Rosa (2023). Ele busca se vender como um sujeito simples, optando por aparecer em entrevistas com roupas cotidianas, falando um linguajar informal e por vezes chulo, sempre com um leve tom de sarcasmo e deboche ou ainda de piada, isso tudo enquanto profere falas extremamente ofensivas e antiéticas, quase como se ele fosse um brasileiro comum discutindo em sua roda de amigos íntimos; dessa forma, ele gera um sentimento de identificação com camadas mais simples da população, atraindo o eleitorado comum enquanto defende os interesses das elites.

Dentre as diversas falas que o ex-presidente proferiu contra a comunidade LGBTQIAPN+, talvez o mais emblemático e que melhor exprime a forma como a política de Bolsonaro tratou a comunidade

Queer tenha sido seu pronunciamento de que “Ter filho *gay* é falta de porrada”², embora tenha dito isso enquanto ainda era deputado em 2010, já era possível ver a violência como resolução de conflitos, uma das principais características da política dele. Nesse caso, ele acreditava que a sexualidade poderia ser corrigida através de punições físicas.

Bolsonaro também, por vezes, em suas falas, buscou reafirmar como a família deveria seguir o modelo tradicional e se manter restrito à heteronormatividade, por vezes negando o direito de casais homossexuais constituírem família. É praticamente inviável elencar aqui quais foram as falas mais polêmicas do político, devido ao enorme número de citações, entretanto uma de destaque e que expressa não só o comportamento homofóbico dele, mas também o misógino e até mesmo podemos enxergar como uma contradição em sua visão de que as mulheres devem se dedicar ao lar e à família; essa foi a fala que ele proferiu menos de um mês após sua posse em um evento com diversos jornalistas, quando ele incita o turismo sexual no Brasil e argumenta que “Não podemos ser uma país do mundo *gay*, temos família” (Nascimento 2020).

Mais uma vez observamos como a família é utilizada como um contra peso e algo que deve ser defendido quase como uma espécie em perigo de extinção. Para o pensamento de Bolsonaro e outros fundamentalistas religiosos, uma família não pode ser constituída por um casal do mesmo sexo, e tão pouco se acredita que tais casais devam ter sequer o direito de constituir um matrimônio perante a igreja ou o estado.

A violência da população LGBTQIAPN+ não surgiu no Brasil apenas com as falas de Bolsonaro e tão pouco ela se acabou com o fim de seu governo. Em janeiro de 2024, já com os dados referentes ao ano de 2023, entramos no décimo quinto ano consecutivo como o país com o maior número de assassinatos de pessoas trans³ e onde existe uma média de um assassinato violento contra um membro da comunidade LGTBQIAPN+ a cada 34 horas, ou seja, menos de um dia e meio; de acordo com dados divulgados pelo Grupo *Gay* da Bahia (GGB), durante a elaboração deste artigo, vale ressaltar que o GGB já vêm fazendo o relatório de número de assassinatos homofóbicos há anos e portanto se constitui de uma fonte respeitável para o fornecimento de tais dados⁴.

5 O APARATO TECNOLÓGICO: AS MÍDIAS SOCIAIS E A DESINFORMAÇÃO

Vivemos hoje em um mundo de quase imediatismo, é inegável a influência que as redes sociais exercem sobre o coletivo da nossa sociedade. Nessa perspectiva Pinheiro e Brito (2014) escreveram:

[...] são milhares de cliques e diferentes informações sendo dispersadas na rede mundial de computadores, em redes digitais repletas de dados, verdade e mentira se justapõem e se modificam a cada momento.

Aliado ao pânico moral, uma outra ferramenta que a direita utiliza na construção de seu discurso de ódio é a desinformação, a qual pode ser definida como “[...] uma ação proposital para desinformar alguém, de maneira a enganá-lo” (Pinheiro; Brito 2014). Diferentes notícias falsas ou informações danosas que haviam sido adulteradas foi uma tática utilizada em diversos momentos pela extrema direita, mas em especial nas eleições presidenciais do Brasil no ano de 2018, caso semelhante ao dos Estados Unidos em 2016 (Andrade Neto; Risso 2022).

Agora que já vimos algumas das ferramentas que são utilizadas para a criação do discurso de ódio e como ele foi explicitado em outras ocasiões, faz-se necessário um ambiente onde ele possa ser amplamente veiculado e achar de forma rápida e prática aqueles que se identificam com ele, e qual

² A repercussão legal desta fala pode ser conferida em: <https://www.camara.leg.br/noticias/144388-comissao-vai-debater-%20declaracao-de-bolsonaro-sobre-punicao-a-filho-gay/>. Acesso em: 03 mar. 2024.

³ <https://queer.ig.com.br/2024-01-08/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-pelo-15-ano-consecutivo.html>

⁴ <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/eduardo-carvalho/2024/01/25/um-lgbti-sofre-morte-violenta-a-cada-34-horas-no-brasil-aponta-relatorio.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2024.

melhor lugar do que uma rede com milhares de acessos diários? Nesse sentido temos Santos e Silva (2013) que afirmam:

As redes de comunicação são fundamentais na propagação do discurso de ódio. Na atualidade, as redes sociais, em especial, o *facebook*, e o *twitter*, se transformaram em terreno fértil para o discurso do ódio, seja por comunidades criadas com este intuito ou o registro de qualquer comentário incitador.

Grupos extremistas acabam achando na internet o solo fértil para espalhar seus preconceitos e suas ideias, a partir do fato de terem a chance tanto de se manterem anônimos, quanto o de alcançar um número exponencial de leitores que concordem com suas visões. Fazendo um recorte geográfico e sabendo que somente em nosso país 84% da população tem acesso a internet⁵, ela também acaba sendo um meio fácil de propagar informações danosas uma vez que, por permitir diferentes mídias, ela abre um leque de possibilidades de como essa informação será consumida, se será através de uma mídia mais gráfica ou através de uma escrita.

As redes sociais surgem como um espaço onde os usuários, os quais muitas vezes tendo a chance de manter o anonimato no espaço *online*, se sentem à vontade para publicar e compartilhar os conteúdos que lhes interessam ou que julgam pertinentes de forma rápida e prática. Muitas vezes tendo em mente que os membros de sua própria bolha pensam igual e, portanto, irão corroborar com tais atos, os usuários se sentem confortáveis com a ideia de expressar ali suas opiniões e seus sentimentos, sendo assim: “Ativistas do ódio utilizam dessa ferramenta para compartilhar seu discurso” (Nandi 2018).

Nesse contexto podemos pensar que o discurso de ódio pode surgir nas redes sociais de uma forma mais direta ou mais velada. No segundo caso, embora não haja uma construção de ofensas, o preconceito é coberto com a desculpa de se tratar de uma mera questão de opinião, mesmo ela ferindo determinados grupos (Silva; Alves 2021).

6 EXPOSIÇÃO

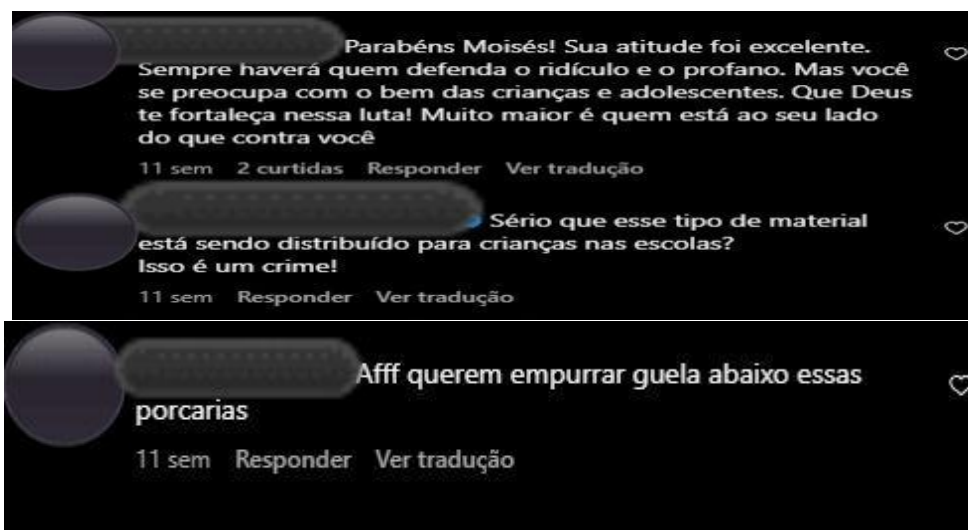
Já vimos como o pânico moral e a desinformação são utilizados como uma forma de criar discursos políticos, também já observamos algumas das formas como esse discurso é destilado contra a população LGBTQIAPN+ e por fim tivemos a oportunidade de debater as redes sociais na internet enquanto um terreno fértil para que o ódio presente em tais falas se espalhem e ganhem público.

Pensando nisso separamos uma coletânea de capturas de telas, que retiramos dos comentários de três figuras políticas de direita, sendo elas: Jair Messias Bolsonaro (ex-presidente do Brasil), Silas Malafaia (pastor e cabo eleitoral da direita) e Moisés Lazarine (vereador da cidade de São Carlos-SP). Escolhemos esses três devido ao fato de todos terem um viés ideológico e utilizarem um discurso semelhante, além de ambos os políticos já terem proferido falas contra a comunidade *Queer* ao longo de suas campanhas. A fim de melhor dividirmos as publicações e as redes sociais, de forma a abranger as três mais comuns, extraímos duas capturas dos comentários das postagens do *Instagram* do vereador Moisés Lazarine, duas dos comentários do *Facebook* e duas do *Twitter* ao buscarmos os termos “Jair Messias Bolsonaro” e “Ideologia de gênero”.

Começaremos pelos comentários da rede social do vereador Moisés, o qual recentemente fez uma campanha contra os empréstimos da *Graphic Novel Heartstopper* pelas bibliotecas do município de São Carlos, inclusive os comentários abaixo foram retirados das publicações na qual ele ataca a obra, pedindo a retirada da mesma do acervo das bibliotecas da cidade. Vale observar aqui que o político trata a obra como se fosse uma leitura obrigatória da escola, o que também pode ser observado pela reação de seus seguidores; mesmo que a diretoria da escola tenha esclarecido que a obra foi pega por empréstimo em uma biblioteca pública do município e que não mantém qualquer forma de relação com a escola

⁵ <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/11/16/acesso-a-internet-crece-no-brasil-e-chega-a-84percent-da-populacao-em-2023-diz-pesquisa.shtml>>. Acesso em: 24 jan. 2024.

Imagem 1 e 2 - Comentários extraídos das postagens do vereador Moisés Lazarine

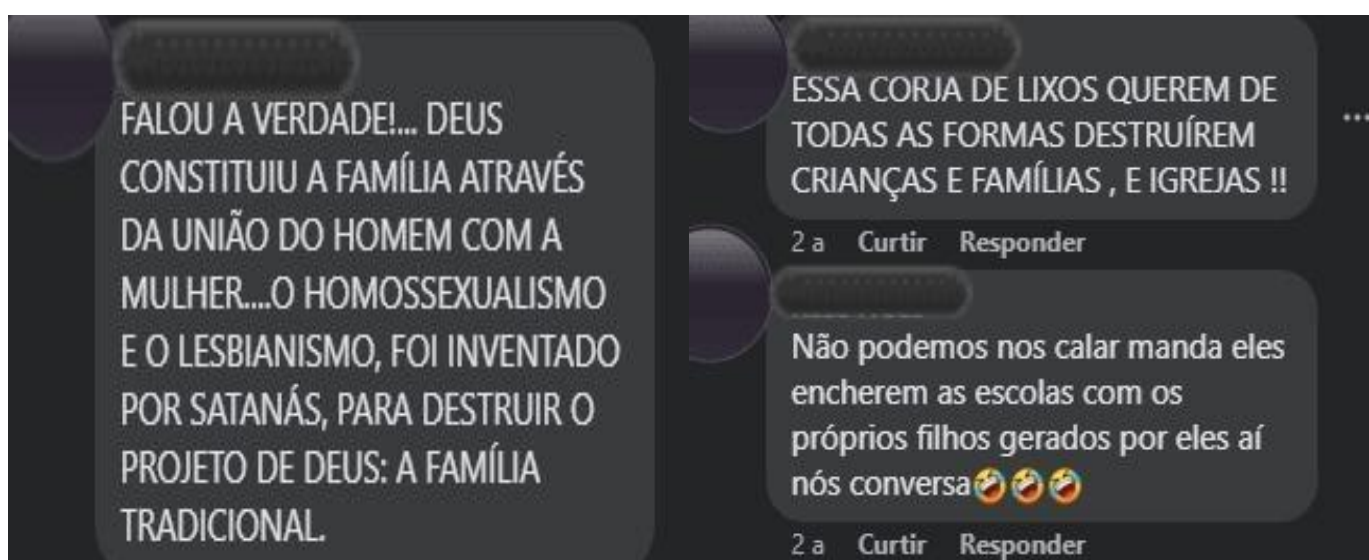


Vemos, logo no primeiro comentário, os parabéns pela atitude do vereador. Esse comentário é carregado de um linguajar religioso, como podemos notar a partir da palavra “profano”, a qual aparece veiculada junto do adjetivo pejorativo “ridículo”. No primeiro comentário ainda vemos que o colocam o político como alguém que está em uma luta por um bem maior.

Quando observamos o segundo e terceiro comentários podemos notar que os seguidores acreditam que o material é uma obra que todos os alunos receberam ou será cobrada a leitura; novamente essa informação foi desmentida em audiência pública da Câmara dos vereadores. Reforçar que essa obra era uma leitura de caráter obrigatório ou estava de alguma forma relacionada com a escola não passa de uma desinformação sendo produzida e repassada.

Passemos agora para os comentários do Facebook do pastor Silas Malafaia, conhecido em nível nacional, em especial no estado de São Paulo por suas críticas a comunidade LGBTQIAPN+ e como líder religioso.

Imagens 3 e 4 - Comentários nas postagens do pastor Silas Malafai



Mais uma vez temos o apelo do vocabulário religioso, entretanto agora vemos que há o reforço da família enquanto uma estrutura nuclear heteronormativo, ou seja, casal e filhos. Nos comentários os internautas colocam a família como se fosse uma estrutura em perigo e corre o risco de ser

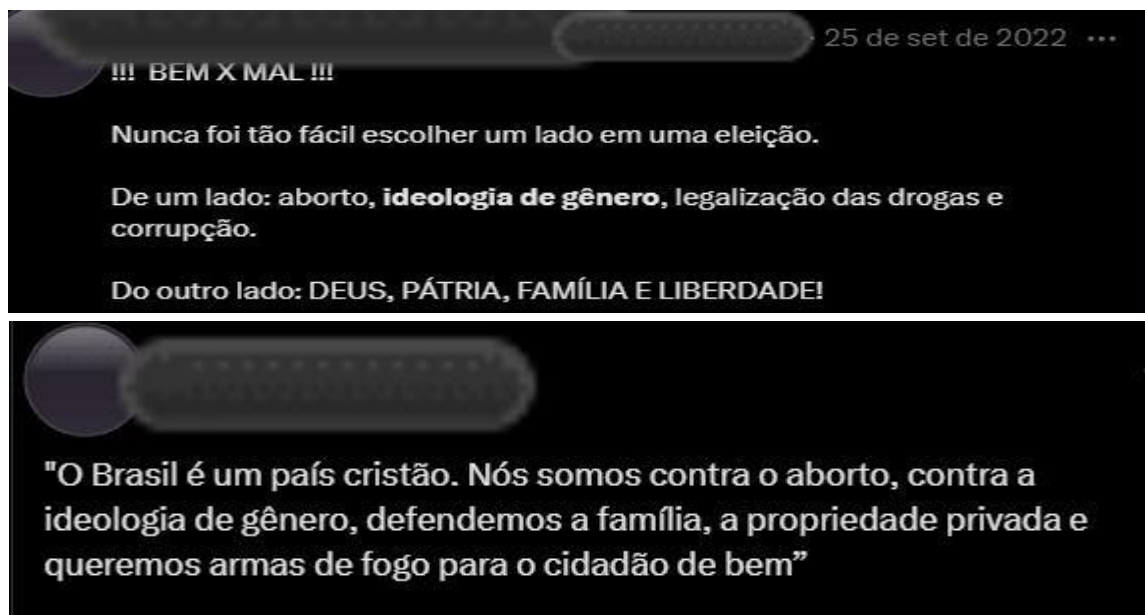
destruída pela comunidade LGBTQIAPN+, quase como se o projeto da comunidade *Queer* fosse a proibição da heterossexualidade.

No primeiro comentário da imagem 4, ainda observamos um linguajar bem mais agressivo ao se referir a comunidade LGBTQIAPN+ como “essa corja de lixos”, configurando-se explicitamente como um ataque. Ao olharmos para o comentário logo abaixo, notamos um ataque mais nivelado, onde em tom de ironia o usuário sugere que pessoas LGBTQIAPN+ não podem se reproduzir e ter filhos, partindo do argumento biológico de que dois seres humanos com o mesmo sistema reprodutor não podem procriar juntos; esse último comentário por si só já exclui diversas possibilidades de inseminação artificial, adoção, a possibilidade de uma pessoa bissexual se relacionar com alguém de sexo diferente, a possibilidade de pessoas trans se relacionarem com pessoas do sexo biológico oposto, dentre outras possibilidades que poderiam ser citadas.

Para a reprodução das últimas imagens, pensamos em uma abordagem diferente. Ao invés de utilizarmos comentários em uma postagem específica, optamos por pesquisar na rede social *Twitter* as palavras “Jair Messias Bolsonaro” e “Ideologia de gênero”, termo pejorativo e de origem baseada no livro: “*La ideología del género. O el género como herramienta de poder utilizado*” de Jorge Scala (2010), por conservadores para se referir a questões levantadas por movimentos sociais de caráter feminista ou pró LGBTQIAPN+ como observaram Miskolci e Campana, em 2017.

Bolsonaro se colocou como grande combatente contra a ideologia de gênero durante seu mandato de deputado, inclusive foi a partir de suas falas críticas ao programa federal escola sem homofobia que ele começou a ganhar palco dentro do círculo ideológico da direita brasileira; também ao longo de suas campanhas presidenciais nos anos de 2018 e 2022, o político foi motivo de polêmicas e desferiu diversas frases agressivas contra a comunidade *Queer*, usando o lema: “Deus, Pátria e Família”, sempre lembrando que, para as pessoas que se alinham com esse pensamento, família consiste estritamente no modelo nuclear e de caráter heteronormativo, ou como eles bem reforçam, o modelo “tradicional”.

Imagem 5 e 6 - “Tweets” de apoiadores de Bolsonaro.



Na primeira imagem vemos a citação de uma frase utilizada por Bolsonaro durante sua campanha para a presidência antes das eleições de 2022, na qual ele afirma que o Brasil é um país cristão, muito embora a Constituição de 1988 considere nosso país como um estado laico; logo em seguida ele se coloca “contra o aborto”, que por vezes a extrema direita cita como os direitos reprodutivos que eles combatem, “contra a ideologia de gênero” e se coloca como defensor da família, mais uma vez apontando que os direitos conquistados por movimentos feministas e *Queer* teriam

como intuito o fim da família. Por fim ainda podemos fazer uma breve análise da conclusão dessa fala, onde após a defesa da propriedade privada há a menção ao “cidadão de bem”, termo esse que foi amplamente utilizado durante a campanha de Jair Bolsonaro para se referir a ele mesmo e aos seus seguidores, enquanto aqueles que seguem e zelam pela moral e bons costumes, mas ainda assim eles buscam pelo direito ao fácil acesso às armas de fogo. Para que um civil de bem necessita de tal item em seu cotidiano?

A segunda captura nos oferece um olhar para um discurso um pouco mais exacerbado e acalorado, onde o usuário tenta colocar os dois espectros políticos e seus representantes nas eleições presidenciais de 2022, enquanto duas forças, uma de caráter benéfico e outra de caráter maléfico, e é claro mantendo-se enquanto apoiador da direita. Mais uma vez vemos as pautas reprodutivas e de gênero sendo simplesmente resumidas a aborto ou a uma ideologia; nesse *tweet* vemos que também há associação às drogas (possivelmente se referindo à questão da legalização da maconha) e à corrupção. Por fim, o usuário ainda utiliza o *slogan* utilizado por Bolsonaro em suas duas campanhas presidenciais, que consiste em uma versão expandida, adicionando apenas “Liberdade”, ao *slogan*: “Deus, Pátria e Família”, comumente utilizado pelo movimento integralista, representado pela Ação Integralista Brasileira (AIB), liderado pelo político conservador Plínio Salgado, também referido por historiadores como o movimento fascista brasileiro da década de 30.

Fazendo um apanhado geral de todas as falas que foram expostas podemos observar como os atores se colocam como vítimas; é como se eles fossem um grupo que estivesse prestes a ser extinto, uma retórica semelhante à que era usada pela Alemanha nazista, na qual os nazistas, através de sua máquina de propaganda, se colocavam como “[...] vítima de agressões odiosas fomentadas por inimigos irredutíveis que querem destruí-lo. E ele por sua vez, é pura ‘paz e serenidade’” (Chapoutot, 2023, p. 253).

7 CONCLUSÃO

Ao longo deste artigo observamos como conceitos como desinformação e pânico moral se relacionam com o discurso de ódio e tivemos a oportunidade de ver essas três ferramentas sendo utilizadas contra a população *Queer*, a partir de mídias, comentários danosos, líderes religiosos ou de políticos conservadores. A população LGBTQIAPN+ vem sendo alvo de constantes ataques há décadas e até os dias atuais essa é uma população que precisa lutar por direitos básicos.

As redes sociais acabaram por se mostrar como um terreno fértil para que ideias extremistas se espalhem em uma velocidade alarmante, principalmente devido ao fácil acesso e ao constante fluxo de informações que passam por elas. Aqueles que buscam espalhar o discurso de ódio e causar danos a minorias acabam identificando a rede mundial de computadores como o veículo perfeito para enunciar suas ideias. Como pudemos observar através da análise dos comentários que foram expostos no artigo, este ato se tornou muito comum nos comentários de postagens de políticos, ou figuras públicas da extrema direita, tendo em vista que muitos contribuem para que esses discursos cheguem até as grandes mídias, já que eles defendem tais ideias.

Após observarmos com cuidado o conceito de pânico moral e o de desinformação, podemos notar que eles funcionam não só como potencializadores, mas também como ingredientes que podem e são constantemente utilizados para a criação de discursos de ódio que havia sido o objeto inicial de análise deste artigo e podemos pensar como um conjunto de ações e manifestações danosas que buscam aumentar a situação de vulnerabilidade de um grupo. Assim sendo, é preciso que nós, enquanto sociedade, busquemos formas de enfrentamento para essas ideias, antes que elas cresçam e se espalhem cada vez mais. Autores como Silva, Oliveira e Miranda(2020), observem que, além da repressão, também é possível encontrar discursos de defesa e apoio nas redes sociais, nos dando assim uma esperança de que seja possível lutar contra o cenário tomado pelo ódio que observamos aqui.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE NETO, A. D. N; RISSO, C. de A. **Discursos de ódio, desinformação e polarização política: A linguagem da direita no Brasil**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 45, 2022. **Anais...** Universidade Federal da Paraíba, 2022. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0810202208100462f3920c2c663.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2024.
- ARAUJO, A. C. C. **A AIDS e a imprensa: as vozes e os silêncios nas reportagens do dia mundial da luta contra Aids de 1988 a 2013**. 2016. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde). Rio de Janeiro: Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/25378>>. Acesso em: 07 fev. 2024.
- BARROS, S. M. de; SILVA, A. S. de. Uso político do discurso de ódio às pessoas LGBTQIA+ como estratégia de manipulação das massas. **Revista Ágora Filosófica**, Recife, v. 22, n. 1, 2022. Disponível em: <<https://www1.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/2129>>. Acesso em: 16 jan. 2024.
- CÉSAR, M. R. de A; DUARTE, A de M. Governo e pânico moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios. **Educar em Revistas**, Curitiba, n. 66, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/KfwSdvDGNG4q7DQvmg4N9pG/?format=html#>>. Acesso em: 17 jan. 2024.
- CHAPOUTOT, J. **A Revolução Cultural Nazista**. Rio de Janeiro: da Vinci, 2023. 262 p.
- CONSANI, F. C. Democracia e os discursos de ódio religioso: o debate entre Dworkin e Waldron sobre os limites da tolerância. **ethic@**, Florianópolis, v. 14 n. 2 (2015): Edição Especial Charlie Hebdo. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/1677-2954.2015v14n2p174/31180>>. Acesso em: 13 jan. 2024.
- DIAS, G. **Deus, Pátria, Família: de onde veio o lema fascista usado por Bolsonaro?**. **UOL**, São Paulo, 22 ago. 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/29/deus-patria-familia-lema-de-bolsonaro-tem-origem-fascista-entenda.htm>>. Acesso em: 02 jan. 2024.
- FERNANDES, F. B. M. Assassinatos de travestis e "pais de santo" no Brasil: homofobia, transfobia e intolerância religiosa. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 98, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/dQC3psSdbKxZPdZQR8btpLp/?lang=pt#>>. Acesso em: 22 jan. 2024.
- LEITE, V. "Em defesa das crianças e da família": Refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos "conservadores" em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 32, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sess/a/Cc68BmV888KZbTkwjwr495M/?lang=pt#>>. Acesso em: 18 jan. 2024.
- MACHADO, C. Pânico Moral: Para uma Revisão do Conceito. **Interações: Sociedades e as novas modernidades**. Coimbra, n. 7, 2004. Disponível em: <<https://interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/125>>. Acesso em: 17 jan. 2024.
- MEYER-PFLUG, S. R. **Liberdade de expressão e discurso do ódio**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2009. 272 p.

MIGUEL, L. F. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita brasileira. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 62, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/CsFcz5vm5bLShxPN3LHDYkk/?lang=pt#>>. Acesso em: 19 jan. 2024.

MISKOLCI, R; CAMPANA, M. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32. n. 3, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/Ns5kmRtMcSXDY78j9L8fMFL/?lang=pt>>. Acesso em: 18 jan. 2024.

Monark defende existência de partido nazista dentro da lei; Tabata rebate. **UOL**, São Paulo, 08 fev. 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/02/08/podcaster-monark-partido-nazista.htm>>. Acesso em: 13 jan. 2024.

MOTA, I. G. D. **Impacto do bolsonarismo na produção de violências contra LGBTQIA+** : uma análise crítica do discurso da Rádio Jovem Pan. Brasília: UNB, 2023. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/34961>>. Acesso em: 22 jan. 2024.

NALIN, V. "Peste Gay": Veiculação midiática e os estigmas criados sobre o surgimento da Aids na década de 1980. In: SIMPÓSIO DE PÓS-GRADUAÇÃO DO SUL DO BRASIL, 1. 2021. **Anais...** Universidade da Fronteira do Sul, 2021. Disponível em: <<https://portaleventos.uffs.edu.br/index.php/simpos-sul/article/view/15623>>. Acesso em: 16 jan. 2024.

NANDI, J. A. B. **O combate ao discurso de ódio nas redes sociais**. Florianópolis; UFSC, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/187510>>. Acesso em: 23 jan. 2024.

NASCIMENTO, L. Língua fascista, discurso contraditório: política de misoginia e homofobia. **Revista Heterotópica**, Uberlândia, v. 2, p. 2, 2020. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/56642>>. Acesso em: 22 jan. 2024.

ROSA, V. M. da. Quando "ter filho gay é falta de porrada". In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO: LIBERDADE, IDENTIDADE, CRITICIDADE, 8. 2023, São Leopoldo. **Anais...** Faculdade EST, 2023. p. 522-539. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/anais/article/view/2799>. Acesso em: 13 jan. 2024.

RUBIN, G. **Pensando o Sexo**: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade. 2012. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6884875/mod_resource/content/1/pensando%20o%20sexo%20-%20gayle%20rubin.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2024.

PINHEIRO, M. M. K; BRITO, V. P. Em busca do significado da desinformação. **DataGramZero**, v. 15, n. 6, 2014. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/#/v/8068>>. Acesso em: 22 jan. 2024.

SANTOS, M. A. M dos; SILVA, M. T. M. Discurso do Ódio na Sociedade da Informação Preconceito, discriminação e racismo nas redes sociais. In: ROVER, A. J; FILHO, A. S; PINHEIRO, R. F. (Coord.) **Direito e Novas Tecnologias**. Florianópolis : FUNJAB, 2013. p. 82-99. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=dc1f1e86d49bb24c>>. Acesso em: 22 jan. 2024.

SILVA, J. M. da; OLIVEIRA, U. M. C. de; MIRANDA, J. dos R. Do discurso de ódio homofóbico à resistência lgbtqia+: uma análise das mensagens publicadas nas redes sociais. **Revista Relações Sociais**, Viçosa, v. 3, n. 4, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/revs/article/view/10356/6183>>. Acesso em: 13 jan. 2024.



SILVA, R. L. da; ALVES, R. B. C. **Uma análise discursiva de comentários negativos na postagem “Não sabe como explicar LGBTQIA+ para crianças? Do burger king no Instagram.** In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE E ENCONTRO DAS LETRAS, 2. 2021. **Anais...** Universidade Estadual de Goiás. Disponível em: <<https://anais.ueg.br/index.php/sielli/article/view/14977/12062>>. Acesso em: 23 jan. 2024.